

Gastão Wagner de Souza Campos,

histórias além de sua cidade natal

O médico sanitarista Gastão Wagner de Souza Campos tem alma de artista. Escreve romances, novelas, contos e histórias vividas. A realidade serve como estímulo para a criação do enredo. Ele usa fatos reais, coletivos, públicos, sua experiência como médico e professor da FCM, história do Brasil e características físicas e de personalidade de amigos e pessoas com quem ele convive e conviveu. Tudo é misturado. Ficção e realidade. Os personagens e acontecimentos são distorcidos pela sua memória imaginativa. Autor de diversos livros, ele diz que “o escritor tem que estar com a antena aberta para o mundo e incorporar histórias além de sua cidade natal”.

O autoritarismo que nos constitui

Professor Calixto solicitou que eu o ajudasse na confecção de um plano para o Departamento “X”. Animei-me e aceitei o convite, seria uma oportunidade para estreitar a convivência entre a Saúde Coletiva e o Hospital.

- Bem, professor – respondi com cuidado –, costume trabalhar em conjunto com a equipe interessada. Uma coisa interativa, tudo bem?

- Por quê? Isto não atrasará o negócio? Tenho certa urgência.

- Bem, o planejamento ganha qualidade quando vários olhares e diferentes experiências são compartilhadas. Além do mais, o plano tem mais força e aceitação quando elaborado por quem vai executá-lo.

- Como assim?

- Os planos fabricados sem participação costumam permanecer nas gavetas. E, professor, por que há urgência?

- Não, sim. Uma droga! Estamos com uma taxa de infecção hospitalar inaceitável. Inaceitável.

Insisti, cauteloso:

- Professor Calixto, veja, infecção hospitalar costuma ser um sintoma decorrente de problemas no atendimento, em geral, há vários fatores organizacionais envolvidos. Seria conveniente reunirmos a maioria da sua equipe. Uma hora apenas, das 11 ao meio-dia. Dois ou três encontros serão suficientes. Nada mais, jogo rápido.

- Não vejo objetivo nisso, mas o especialista é o senhor. Convocarei os professores do Departamento para a reunião com o senhor.

- Se possível, todos os que trabalham no setor. Médicos contratados, enfermeiras, residentes, quem mais o senhor julgar relevante.

- Tudo bem, até quarta-feira então.

Na quarta-feira cheguei cedo à enfermaria, passei pelo ambulatório e pronto-socorro. As 11 horas me reuni com uma dúzia de profissionais. O professor Calixto abriu a reunião:

- Esse é o professor Mathias, especialista em administração em saúde. Eu o convidei para nos dar uma mão com a infecção hospitalar.

Em seguida, professor Calixto comentou sobre o padrão epidemiológico daquele surto, e logo me passou a palavra.

Antes que eu pudesse explicar a metodologia de trabalho, um residente de terceiro ano ergueu o braço e começou a falar com timidez, olhando pra mim e depois pro professor Calixto:

- Com licença, me desculpem, mas gostaria de agregar...

Professor Calixto o interrompeu peremptório:

- Cale a boca, Reginaldo! Cale a boca! Estamos aqui para ouvir um especialista.

Fiquei embaraçado, não pretendia contestar a autoridade de Calixto, mas, por outro lado, era necessário criar um clima que favorecesse a participação sem constrangimentos dos presentes. Assim, com cautela, argumentei:

- Professor, os residentes passam muito tempo no serviço, talvez o Reginaldo tenha observado algo que nos escapou. Poderíamos ouvi-lo, se o senhor estiver de acordo!

- O senhor é quem sabe – concedeu Calixto com má vontade.

De fato, Reginaldo levantou a hipótese de que o aumento da infecção hospitalar poderia estar relacionado com a elevação da permanência dos pacientes na enfermaria. Responsabilizou dificuldades com o laboratório, radiologia e com o próprio centro-cirúrgico pelo atraso na alta de grande parcela dos casos.

Logo depois, a enfermeira-chefe, Mara, queixou-se do descuido dos médicos com a assepsia. Um professor apontou necessidade de investimento, segundo ele a direção do hospital não vinha repondo pessoal e equipamentos essenciais.

A esta altura, eu me sentia confiante e apresentei a proposta de trabalho. Sugeri três encontros de uma hora cada. Naquele primeiro, conforme já vinha acontecendo, faríamos um levantamento e uma análise dos problemas e, em seguida, proporíamos formas de superá-los. Levantei-me e me dirigi até uma lousa onde comecei a anotar, de forma esquemática, os entraves relatados. Estimulei o



grupo a comentar e a apontar outras dificuldades. Em virtude do silêncio prolongado, eu me animei a comentar:

- Hoje, com autorização do professor Calixto, observei o processo de trabalho do setor e verifiquei que não há visitas diárias na enfermaria por parte dos médicos. Mais grave, constatei que não há definição clara dos médicos responsáveis por cada caso. A prescrição de muitos pacientes é feita no Pronto Socorro ou no centro-cirúrgico. Como não há visitas diárias, a enfermagem comunica intercorrência aos plantonistas. Acredito que poderíamos pensar em outro esquema de trabalho, mas vamos anotar mais este aspecto e depois o discutiremos.

Professor Calixto interrompeu a dinâmica que eu sugeria, comentando em tom sarcástico:

- Perdão, professor Mathias, mas o seu método é o de lavar roupa suja?

- Desculpe-me, professor, de fato, eu me arvorei em emitir um julgamento depois de conviver apenas algumas horas com vocês. Vamos apagar minha observação; se for o caso, a discutiremos ao final. Fiquemos com os empecilhos apontados, pelo Reginaldo, pela Mara e pelo professor Fagundes.

- Professor Mathias, concordo, sou contra prescrever pacientes sem examiná-los. Eu não sabia que havíamos adotado este mal hábito. Como sou chefe, eu determino: amanhã quero tudo conforme as normas. Claro? Assunto resolvido.

Silêncio.

- Bem, vamos prosseguir com o diagnóstico pessoal – insisti.

Silêncio.

Professor Calixto retomou a palavra:

- Professor, o pessoal daqui é dedicado e disciplinado.

- Sim, eu sei, por isto acredito que o melhor diagnóstico sobre o funcionamento do serviço será o que vocês mesmos elaborarem.

- Se for assim, por que necessitaríamos de alguém de fora? – explodiu impaciente o professor Calixto. – Qual a sua especialidade, afinal?

- Bem, professor. Quem vive uma situação tem maior possibilidade de conhecê-la do que alguém de fora. Minha especialidade é ajudar as pessoas a compreender o que o clima organizacional e o hábito ocultam. Me inspiro em um método chamado de maiêutica, desenvolvido por Sócrates. Ele ensinava que um bom educador é como um parteiro, ajuda as pessoas a darem a luz a conhecimentos e compreensões que elas, em alguma medida, já possuem, mas que não tem condições de reconhecer e de expressar. No meu caso, eu os ajudo a compor explicação para o aumento da infecção hospitalar.

- Professor, com todo respeito. De repente, o senhor transformou minha equipe em um grupo de contestação.

- Professor Calixto, se não reconhecermos problemas, faltas, equívocos, não haverá como enfrentá-los.

- Lógico, isto, até eu sei e não precisei fazer pós em gestão. Veja, eu sou o chefe, cabe a mim lidar com o laboratório, a radiologia, dar bronca no médico que descuidar do protocolo, das normas de assepsia, entendeu? Não precisamos publicar nossas mazelas no jornal para resolvê-las. E, ademais, não temos tempo pra sua maiêutica.

- Professor, em apenas meia-hora de trabalho, avançamos. Mais um encontro e teremos um plano de ação excelente - disse.

- Ao contrário, o que eu esperava do senhor é que me apontasse soluções para o que estivesse errado. Bom, o senhor percebeu essa falha na enfermaria. Amanhã ela não existirá mais. Entendeu meu raciocínio?

Não soube o que responder. Professor Calixto deu por encerrada nossa reunião e ainda acrescentou:

- Professor Mathias, obrigado pela atenção. O senhor é dedicado, não estamos lhe pagando nada, mesmo assim abandonou suas obrigações somente para nos atender. Espírito de colaboração. Se o senhor puder, gostaria muito de receber seu parecer sobre nosso serviço por escrito.

Os presentes abandonaram a sala de reunião cabisbaixos. Ninguém me acompanhou até a saída do Hospital, onde um carro me esperava para me levar de volta ao meu local de trabalho. 🏠

Se você escreve, mande seus poemas, contos ou crônicas para imprensa@fcm.unicamp.br